

ATOS DE CURRÍCULO EMANCIPACIONISTAS E O TRABALHO PEDAGÓGICO DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

*Alexsandro da Silva Marques**
Universidade do Estado da Bahia
<https://orcid.org/0000-0003-1230-2578>

*Suelândia Moreira Franco***
Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira
<https://orcid.org/0009-0001-4535-7666>

RESUMO

Este artigo investiga os atos de currículo emancipacionista realizados por professoras alfabetizadoras e suas implicações na construção das aprendizagens docentes. A pesquisa, de abordagem qualitativa, fundamenta-se na etnopesquisa crítica e multirreferencial, combinando análise de conteúdo e hermenêutica para examinar as experiências de seis professoras, consideradas teóricas de suas práticas. Os resultados indicam que atitudes subversivas e transgressoras promovem uma *práxis* pedagógica crítica, ressignificando o currículo e ampliando a autonomia docente. Esses atos potencializam o processo de ensino-aprendizagem ao desafiar modelos normativos e fomentar uma educação contextualizada e dialógica, alinhada às realidades escolares.

Palavras-chave: Atos de currículo emancipacionistas; Formação de professores; Trabalho pedagógico.

ABSTRACT

EMANCIPATORY CURRICULUM ACTS AND THE PEDAGOGICAL WORK OF LITERACY TEACHERS

This article investigates the emancipatory curriculum acts carried out by literacy teachers and their implications for the construction of teaching-learning processes. The qualitative research is based on critical and multireferential ethnoethnography, combining content analysis and hermeneutics to examine the experiences of six teachers, considered theorists of their own practices. The results indicate that subversive and transgressive attitudes promote a critical pedagogical praxis, reconfiguring the curriculum and expanding teachers' autonomy. These acts enhance the teaching-learning process by challenging

* Doutor em Difusão do Conhecimento pela UFBA, Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), coordena a Linha de Pesquisa Construção do Conhecimento: Cognição, Linguagens e Informação (REDPECT-UFBA). Salvador – Bahia. E-mail: alexsandromarques@uneb.br

** Mestre em Educação pela UFBA, Coordenadora Pedagógica do Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira (CEAAT), participa do grupo de pesquisa FORMACCE em aberto (PPGE/UFBA) e do Grupo de Estudos Multirreferenciais em Currículo e Formação - GECFORME. Salvador – Bahia. E-mail: suelandiafranco@hotmail.com

normative models and fostering a contextualized and dialogical education aligned with school realities.

Keywords: Acts of emancipatory curriculum; Teacher training; Pedagogical work.

RESUMEN

ACTOS DE CURRÍCULO EMANCIPADORES Y EL TRABAJO PEDAGÓGICO DE MAESTRAS ALFABETIZADORAS

Este artículo investiga los actos de currículo emancipador realizados por maestras alfabetizadoras y sus implicaciones en la construcción de los procesos de enseñanza-aprendizaje. La investigación, de enfoque cualitativo, se basa en la etnopesquisa crítica y multirreferencial, combinando el análisis de contenido y la hermenéutica para examinar las experiencias de seis maestras, consideradas teóricas de sus propias prácticas. Los resultados indican que las actitudes subversivas y transgresoras promueven una praxis pedagógica crítica, resignificando el currículo y ampliando la autonomía docente. Estos actos potencian la enseñanza-aprendizaje al desafiar modelos normativos y fomentar una educación contextualizada y dialógica, alineada con las realidades escolares.

Palabras clave: Actos de currículo emancipador; Formación de profesores; Trabajo pedagógico.

Introdução¹

Este estudo examina de que forma os atos de currículo emancipacionistas (Franco, 2023), desenvolvidos por professoras alfabetizadoras, podem contribuir para a construção das aprendizagens docentes e para a reconfiguração das práticas pedagógicas no contexto da educação latino-americana. Essas ações disruptivas se referem a práticas pedagógicas que desafiam os modelos normativos de ensino, promovendo autonomia docente e viabilizando processos formativos mais contextualizados.

Diferentemente de abordagens curriculares prescritivas, por propositarem uma emancipação pedagógica, esses atos caracterizam-se pela flexibilidade, pelo diálogo com a realidade sociocultural dos estudantes e pela resistência a políticas educacionais impositivas. Nesse sentido, tais atos ampliam a participação ativa das professoras alfabetizadoras na construção curricular e possibilitam reconfigurações

epistemológicas que considerem os sujeitos da aprendizagem como protagonistas de seu processo formativo².

Em um cenário permeado por disputas políticas e ideológicas sobre currículo, esta investigação problematiza os desafios e as possibilidades éticas, estéticas e políticas envolvidas na formação docente e na prática alfabetizadora. As práticas pedagógicas dessas professoras são compreendidas como espaços de resistência e de inovação, nos quais as decisões didáticas se tornam atos de criação e de transformação, resignificando o currículo e rompendo modelos prescritivos e normatizadores.

A reflexão sobre as aprendizagens de educadoras responsáveis pelo percurso alfabetizador articula uma rede complexa de concepções

1 Texto revisado e normalizado pela Prof.^a M^a Lisandra Amparo Ribeiro Pimentel, doutoranda em Estudo de Linguagens (PPGEL-UNEB).

2 Este trabalho seguiu rigorosamente os critérios e procedimentos éticos conforme os dispositivos legais vigentes. Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), estando cientes dos objetivos da investigação e da utilização do material empírico para possíveis publicações acadêmicas.

que interligam a compreensão da criança, da alfabetização e da formação docente. A análise dos atos de currículo emancipacionistas destaca o potencial formativo dessas práticas, que resistem à redução da formação a aspectos instrumentais e técnicos. Trata-se de atos emergidos de uma concepção de currículo como experiência viva, em que a prática docente não se limita à mera transmissão de conteúdos, mas se constitui em um campo de disputas e de ressignificações.

Isso posto, ao deslocar a centralidade do currículo prescrito para a vivência e para a historicidade das relações escolares, os atos de currículo emancipacionistas reafirmam o papel das professoras como mediadoras do conhecimento e coautoras de processos formativos inovadores. Concebidos como formas de ação subversiva e transgressora, esses atos permitem que professoras alfabetizadoras assumam um papel protagonista na mediação entre currículo e aprendizagem. Ao assegurar o direito das crianças à ‘cultura do escrito’ (Ferreiro, 1987), por exemplo, elas desafiam as lógicas neoliberais de reprodução do conhecimento e reafirmam o currículo como espaço de pluralidade e de inclusão.

Importa dizer que os atos de currículo emancipacionistas não impactam somente o processo de ensino-aprendizagem, mas também as políticas educacionais, reestruturando-as a partir de uma perspectiva ética e sociopolítica, orientada para uma educação crítica e emancipadora. Dessarte, este artigo se inicia com a análise sobre os atos de currículo emancipacionistas e as suas manifestações na prática de professoras alfabetizadoras, destacando as atitudes subversivas e transgressoras que desafiam o currículo prescrito e promovem práticas pedagógicas inovadoras e contextualizadas.

Esta investigação visa evidenciar de que modo essas ações podem fortalecer a autonomia docente, ampliar as possibilidades formativas e articular o trabalho pedagógico a partir da resistência, da criação e da reconfiguração

necessárias. Também é propósito deste estudo examinar as dinâmicas de poder e a mediação dos conhecimentos no cotidiano escolar, de modo que sejam analisadas as estratégias que foram mobilizadas pelas professoras no enfrentamento dos desafios curriculares e na transformação de suas práticas.

Além disso, este constructo empreende uma discussão acerca do papel das experiências e das relações socioculturais na construção dos saberes docentes, explorando a autonomia profissional como dispositivo de fortalecimento didático a partir de processos reflexivos e de ações pedagógicas criativas. À vista disso, considera-se relevante compreender o impacto dessas práticas na construção de uma educação crítica e transformadora, com potencial para ressignificar as políticas curriculares na América Latina.

Os Atos de Currículo Emancipacionistas implicados por Atitudes Subversivas e Atitudes Transgressoras

A história da alfabetização no Brasil, de acordo com Mortatti (2004), passou por transformações significativas que influenciaram sobremaneira no conceito de alfabetizar e nos métodos adotados para alcançar esse objetivo. Nesse processo, houve uma fase em que as crianças eram vistas “[...] apenas como seres biopsicológicos e ignoradas como atores sociais” (Zen; Molinari, 2020, p. 257). Aspectos culturais e históricos eram tratados apenas como influências do amadurecimento interno, resultando em uma concepção de ‘infância’ que via a criança sempre como um ‘vir a ser’.

Alinhado a essa percepção, estava o papel do professor, que se restringia à transmissão de conteúdos pré-selecionados e instituídos como ‘universais’, balizando uma concepção de alfabetização que envolvia codificação, decodificação, memorização, reprodução e cópia das letras. Para mais, cabiam aos professores a

habilitação e o domínio de métodos de ensino do código escrito, obtidos por meio de uma formação externa ao sujeito, sem considerar a importância da experiência no processo de aprendizagem, no qual “[...] o sujeito se forma e se transforma a partir dos sentidos e significados que atribui às suas vivências” (Zen; D’Avila, 2018, p. 1).

A perspectiva de alfabetização apresentada por Ferreiro (1987) diverge dessa abordagem, vez que rompe a visão centrada na codificação e na decodificação da língua escrita, em que o professor é visto e validado como única fonte autorizada de conhecimento. A alfabetização, para Ferreiro (1987), constitui-se em um processo de aprendizagem da língua escrita; trata-se, portanto, de um ‘aprendizado conceitual’ que ocorre por meio da interação entre o objeto de conhecimento (língua escrita) e o sujeito cognoscente, conforme assente Mello (2015, p. 273). Nessa concepção, as crianças são reconhecidas como membros ativos e como produtores de culturas, influenciadas e produzidas por elas a partir das diversas interações com a sociedade (Zen; Molinari, 2020, p. 258).

Dessa forma, considerando que a alfabetização vai além de um mero conjunto de habilidades de leitura e de escrita, sendo assim um aspecto essencial à cultura, “[...] através do qual nos constituímos como sujeitos históricos e sociais” (Zen; Molinari, 2020, p. 259) e compreendendo a visão de Ferreiro (2013), ao adotar a expressão ‘culturas do escrito’, surgem algumas indagações pertinentes, quais sejam: quais saberes são necessários e permeiam a prática docente das professoras alfabetizadoras? Como esses saberes são apreendidos?

Para além de esgotar as questões supracitadas, este estudo busca apontar horizontes possíveis no cenário da alfabetização em no Brasil, emergindo o conceito ‘atos de currículo emancipacionistas’ (Franco, 2023). Esses, como já assinalado, são constituídos e implicados na base por etnométodos³, que se relacionam a

atitudes subversivas e transgressoras. Além disso, esses atos estão conectados à noção de ‘atos reflexivos’ (Dewey, 2007) e de provocações pedagógicas emancipacionistas.

Há de se relevar que, por se estribarem na disrupção, tais atos emergem de uma perspectiva heterogênea do protagonismo das professoras alfabetizadoras, entrelaçando-se à dinâmica relacional de poder. Enquanto esses etnométodos docentes prospectam-se como movimentos de compreensão e de conquista social e política, conhecimentos são mediados, a *práxis* curricular e a organização pedagógica são gerenciadas a partir de ações de re-existência, criatividade e resiliência, ancoradas em um sentimento de pertencimento.

A compreensão dos ‘atos de currículo’ é ampliada por contribuições de estudiosos como Macedo (2007; 2013; 2020), Melo e Santos (2018) e Carmo (2014), entre outros pesquisadores, que aprofundaram esse conceito ao reconhecê-lo como um mediador do conhecimento e da formação, em constante interação com as forças instituintes e instituídas. No contexto desta pesquisa, os atos de currículo foram analisados nas práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras, com o objetivo de evidenciar suas implicações no currículo, na organização do trabalho pedagógico e na construção das aprendizagens docentes.

Na percepção de Macedo (2007, p. 38), os atos de currículo são “[...] todo conhecimento escolhido como formativo”, aplicado em um contexto específico, em determinado período e lugar, com o objetivo de promover formação coerente com o ambiente em que o indivíduo está inserido. Analisar esses atos como um resumo das atividades de alfabetização de crianças em três escolas públicas do Vale do Jequiriçá envolve reflexões sobre a formação docente, a organização do trabalho pedagógico e os efeitos das ações diárias das professoras

ações e interações sociais no cotidiano; analisa os métodos e práticas usadas pelos membros de um grupo para dar sentido e ordem às atividades diárias; e contribui para entender as percepções das pessoas e a construção da realidade social em suas dinâmicas e interações humanas.

3 A etnometodologia é um campo da sociologia que estuda como as pessoas criam e interpretam o significado das

no currículo. Isso inclui considerar as interpretações das docentes que conectam os aspectos instituídos com a formação e as compreensões desenvolvidas em seus contextos e práticas pedagógicas.

O conceito de atos de currículo emancipacionistas é baseado em uma abordagem provocativa, subversiva e transgressora do currículo prescrito, desempenhando papel fundamental na promoção da formação crítica e transformadora das professoras. Ao contrário dos movimentos convencionais, essa transgressão tem provocado mobilizações significativas no processo educativo, envolvendo formação continuada docente nas vivências cotidianas na escola. Tal qual concebem Larrosa (2004) e Dewey (2007), a experiência, conforme as reflexões de Zen e D'Ávila (2018, p. 87), é definida como “[...] a atividade do sujeito que mantém consigo uma relação em que se observa, se decifra e se arrisca, ampliando significativamente

as possibilidades de transformação” a partir dos sentidos e dos significados atribuídos ao que se vivencia.

Diante dessas reflexões, é relevante apresentar um fluxograma estrutural dos atos de currículo emancipacionistas, visando oferecer uma compreensão visual e aprofundada dos elementos envolvidos nesse contexto. A Figura 1 a seguir sintetiza as conexões entre os diversos aspectos discutidos anteriormente, destacando a interação entre as atitudes subversivas e as transgressoras. Ações pautadas no sentimento de pertencimento, re-existência, criatividade e resiliência que impulsionam os atos reflexivos críticos, provocações curriculares e (re)organização da rotina pedagógica na ambiência da alfabetização, por meio do protagonismo das professoras alfabetizadoras, intermediado por etnométodos que transformam as relações instituintes com outras cosmovisões e conhecimentos.

Figura 1 - Diagrama conceitual dos atos de currículo emancipacionista.



Fonte: Franco (2023).

Como se pode verificar, os atos de currículo emancipacionistas ocupam posição importante no diagrama conceitual, ilustrando a sua valência na abordagem, e as suas ramificações estabelecem conexões com diferentes elementos relacionados. As atitudes subversivas e as atitudes transgressoras são destacadas como elementos impulsionadores da formação e da reflexão crítica, ancoradas em ações implicadas

pelo sentimento de pertencimento, de re-existência, de criatividade e de resiliência.

As ações reflexivas, por sua vez, aparecem no contexto escolar como um exame crítico, persistente e cuidadoso das diretrizes e dos conceitos educacionais, observado em cinco categorias do trabalho docente: os sentimentos com a profissão docente; a rotina do trabalho pedagógico; as estratégias utilizadas para alfa-

betizar; e a experiência docente. Assim, nesse contexto, a dinâmica relacional de poder é representada como força influente na prática e nos conhecimentos educativos, que precisa ser compreendida e questionada. O protagonismo das professoras alfabetizadoras é ressaltado como elemento-chave, destacando sua atuação como agentes de mudança e mediadoras de saberes que se manifestam na prática, aludidas por múltiplos sistemas de referência.

Desse modo, a dimensão instituinte dos atos de currículo emancipacionistas é enfatizada em sua articulação com outras cosmoverspectivas, integrando diferentes formas de percepção de mundo (sentipensar) e saberes formativos que enriquecem a prática pedagógica. Ao evidenciar essas interconexões, na perspectiva de uma abordagem emancipatória e transformadora, tais atos acabam impulsionando reflexões e aprofundando o debate sobre os conhecimentos que orientam a organização e a *práxis* do trabalho pedagógico.

Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial a partir da análise de conteúdo e hermenêutica

A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial oferece uma perspectiva intelectual ampliada para a compreensão dos processos socioculturais e da construção do conhecimento humano. Conforme Macedo (2007), essa abordagem possibilita um diálogo contínuo com múltiplas fontes, garantindo flexibilidade ao longo da pesquisa. Ressalta Barbosa (1998, p. 24) que a etnopesquisa “[...] estabelece uma conexão entre o observador e o observado, permitindo a investigação das raízes e das interações que estruturam a realidade analisada”.

Esta pesquisa, ao incorporar uma abordagem etnográfica pela valorização do conhecimento humano dentro de seu contexto sociocultural, foi conduzida a partir do uso da Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial.

Assim, baseando-se na construção-criação do saber (Macedo, 2020) e desafiando visões estereotipadas (Garfinkel, 1976), essa metodologia respeitou o papel ativo dos indivíduos na produção e na compreensão do conhecimento.

O conceito de ‘ator social’, conforme defendido por Garfinkel (1976), enfatiza a capacidade de os indivíduos criar sentidos e significados por meio de sua interação com o mundo. Esses atores sociais recorrem ao raciocínio lógico para atribuir sentido a suas experiências e resolver problemas da vida cotidiana. Isso posto, entende-se que o ator social não se constitui em um sujeito passivo, mas sim um participante ativo da produção e da reprodução de significados na sociedade. Em vista disso, assente-se esta abordagem como crucial ao entendimento da dinâmica social e do papel dos atores na construção e na significação do mundo.

Para a análise dos dados coletados, utilizou-se a combinação análise de conteúdo (Bardin, 2011) e hermenêutica para interpretar as experiências das professoras alfabetizadoras. A análise de conteúdo seguiu um processo híbrido, conciliando categorias pré-definidas – fundamentadas no referencial teórico – e categorias emergentes – identificadas a partir das narrativas das participantes e das observações em campo.

Enquanto as categorias pré-definidas foram estabelecidas com base na literatura sobre alfabetização, currículo e formação docente, orientando a estrutura inicial da análise; as categorias emergentes foram construídas a partir da recorrência de temas e padrões identificados nas entrevistas, nas sessões reflexivas e nas observações. Esse processo possibilitou a captação de nuances das práticas pedagógicas e do modo como as professoras negociam e reconfiguram o currículo no cotidiano escolar.

Para assegurar rigor metodológico, a análise seguiu três etapas: (1) identificação e sistematização dos dados, destacando expressões e padrões de sentido recorrentes; (2) categorização e agrupamento, organizando os dados em eixos temáticos, considerando tanto as

categorias teóricas quanto as emergentes; e (3) interpretação hermenêutica, relacionando os achados às concepções de atos de currículo emancipacionistas, atitudes subversivas e transgressora.

A pesquisa foi realizada entre dezembro de 2022 e agosto de 2023, em um contexto educacional público, envolvendo seis professoras da Educação Básica, atuantes em escolas situadas em territórios com distintas características socioeconômicas e culturais. As participantes lecionavam em unidades escolares que enfrentam desafios relacionados à infraestrutura, à formação continuada docente e à diversidade sociocultural dos estudantes.

Para compreender as trajetórias e os desafios enfrentados por essas professoras, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, sessões reflexivas individuais e coletivas e observações de campo. As entrevistas foram conduzidas de maneira dialógica, permitindo que as participantes narrassem suas experiências, concepções e estratégias de ensino. Quanto às sessões reflexivas, essas ocorreram em encontros tanto presenciais quanto remotos, nos quais as professoras compartilharam percepções sobre a prática pedagógica e as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar. Já as observações, com vistas a uma maior aproximação das dinâmicas pedagógicas e institucionais, elas foram realizadas nas escolas onde as professoras atuavam.

Importa dizer que, entre as entrevistas, as sessões reflexivas e as observações, foram feitos registros etnográficos, diários de campo e interações em reuniões pedagógicas, os quais, consideravelmente, contribuíram para uma análise mais ampla do contexto educacional e das condições de trabalho das docentes participantes. As professoras foram identificadas pelo pseudônimo 'Professora', seguido subsequencialmente dos números de 1 a 6, assegurando o anonimato das participantes. De modo a garantir a adesão voluntária à pesquisa e a proteção de suas identidades, solicitaram-se as assinaturas do Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido (TCLE), alcançando, assim, o consentimento de todos os envolvidos.

Os Atos de Currículo Emancipacionistas na organização do currículo e do trabalho pedagógico

Em um contexto educacional usualmente dominado pelo intelecto e pela razão, as dimensões sentimentais, emocionais e intuitivas são frequentemente negligenciadas, ao passo que a abstração e o raciocínio lógico são supervalorizados. Nesse sentido, Torre (2018) sublinha a necessidade da integralização o sujeito, com destaque à conexão entre pensamento, ação e emoção.

Ainda sobre esse ponto, Arroyo (2011) destaca que a formação pedagógica e docente ainda é moldada conforme o modelo de profissional alinhado ao currículo, atuando como um tradutor e transmissor dos conteúdos pré-estabelecidos. Vale ressaltar que esse modelo, muitas vezes, orienta-se por uma adesão inquestionável à pedagogia, como se fosse uma entidade divina (Paim, 2012). No entanto, considerando as diferentes realidades e demandas, mostrar-se crucial desafiar e romper com as práticas formativas obsoletas, especialmente no que se refere à superação das rígidas políticas curriculares que buscam professores performistas para um projeto neoliberal baseado em 'clichês e fetiches educacionais' (Macedo, 2020).

Essas políticas estruturam salas de aula com forte controle curricular, limitando a autonomia docente. Nesse contexto, afastamo-nos da perspectiva educacional 'capacitante', destacada por hooks (2017), que "[...] amplia nossa capacidade de sermos livres", e nos distanciamos da perspectiva emancipacionista de educação, difundida por Freire (2002).

A vivência curricular acontece nas interações e nas mediações do processo de ensino-aprendizagem. Os responsáveis pela

concepção e pela implementação dos currículos desempenham um papel determinante, incentivando reflexões que renovam as construções epistêmicas associadas a eles (Macedo, 2013). A vitalidade do ato de aprender e de ensinar extrapola as salas de aula e transcende os limites físicos da escola.

A educação emancipacionista, fundamentada na ideia de promover a libertação por meio da educação, busca romper estruturas opressoras e permitir o desenvolvimento integral e autônomo dos indivíduos. É objeto de discussão de Freire (2002) e McLaren (2001) a importância do diálogo e da transformação da realidade, enquanto Giroux (1997) defende uma pedagogia crítica e emancipatória, capacitando docentes e discentes a questionar as estruturas de poder. hooks (2017), por sua vez, destaca a educação como prática da liberdade e da resistência, desafiando o racismo, o sexismo e outras formas de opressão.

No contexto brasileiro, Saviani (2012) e Gadotti (2011) abordam a educação emancipacionista com ênfase em aspectos distintos, mas complementares. Enquanto aquele propõe uma pedagogia crítica que valorize a formação integral dos estudantes e busque a superação das desigualdades sociais; este educador, por outro lado, destaca a importância da educação na construção de uma sociedade justa e sustentável.

Em resumo, a educação emancipacionista visa superar desigualdades e promover a autonomia dos indivíduos. Fundamentada em uma pedagogia crítica, multicultural, reflexiva e transformadora, conscientizando as pessoas sobre as estruturas de poder existentes na sociedade e incentivando-as a participar de uma necessária transformação social. Essa abordagem se baseia em uma perspectiva educacional que promova justiça social, igualdade e emancipação dos sujeitos.

Os atos de currículo emancipacionistas, conforme já assinalado, sustentam as ações de cunho libertário por parte dos envolvidos no processo educativo, fundamentando-se por

uma abordagem crítico-reflexiva acerca das estruturas de poder e opressão presentes nos currículos, questionando-as e superando-as. Reitera-se aqui que esses atos são perspectivados na criatividade, no pertencimento e na resiliência, de sorte que, de forma crítica, autônoma e participativa, essas professoras se tornem agentes efetivas de sua própria formação.

Nesse sentido, a diversidade de conhecimentos e as perspectivas das professoras são considerados elementos significativos à construção de ambientes educativos mais democráticos e socialmente responsáveis. Uma vez potencializada a colaboração e estimulado o diálogo entre os envolvidos, quer por meio de ações reflexivas, quer por propostas provocativas, erige-se o diálogo entre o sentipensar e o pensamento-emoção-ação.

Todos os dias, as professoras são cooptadas para o enfrentamento de desafios em sala de aula, onde são tensionadas as bases institucionais, revelando um movimento conectado ao seu ambiente profissional e às realidades vivenciadas junto aos estudantes. Dessa maneira, entende-se que essas ações não são dissociadas de suas emoções e do contexto escolar; logo, influenciam o currículo e a organização do trabalho pedagógico.

Na ambiência da alfabetização, os atos de currículo emancipacionistas são concebidos como ações políticas que desafiam as estruturas de poder e promovem re-existências e resiliências na escola. Essas ações levam as professoras a questionarem as normativas educacionais e a buscarem alternativas para os desafios à prática docente. Essas educadoras vão além de uma abordagem panorâmica, oferecendo formas resilientes, criativas e de pertencimento, em oposição às normativas oficiais.

Pela subversão e pela transgressão, essas docentes desafiam as estruturas opressivas e hierárquicas presentes no currículo, reconhecendo que os sujeitos se constroem a partir de suas interações com o ambiente e com outros indivíduos. Assim, a formação pedagógica ocor-

re em conjunto com essa interferência, não apenas por influência externa (Zen; D'Ávila, 2018).

As Atitudes Subversivas: implicações na organização do trabalho pedagógico

Em se falando de subversão, a abordagem que aqui se principia toma a concepção de 'atitudes subversivas' como ações que geram potencialidades formativas transformadoras e potencializadoras de autoformação, o que acaba por gerar impactos significativos à prática de professoras alfabetizadoras. Nesse contextom, colocam-se em pauta discussões sobre a complexidade educativa na ambiência da alfabetização, a autonomia profissional, as práticas reflexivas, a *práxis* curricular e o trabalho colaborativo na educação, conforme já assinaldo. A perspectiva de unidade é estabelecida a partir do 'sentipensar' (Torre, 2018), que se perfaz em uma abordagem multirreferencial pautada na conexão entre pensamento, emoção e ação.

A palavra 'subversivo' significa 'algo que subverte ou provoca mudança', ou seja, que prega ou executa atos com o objetivo de transformar ou derrubar a ordem estabelecida; é revolucionário e se opõe a normas, autoridades, instituições e leis (Ferreira, 2018). Ao adotarem atitudes subversivas, as professoras alfabetizadoras mobilizam ações criativas, re-existent e resilientes frente às burocracias educacionais.

Dessarte, essas atitudes são entendidas como atos de currículo emancipacionistas, vez que levantam questionamentos e promovem a mediação de conhecimentos formativos; esse movimento implica a organização de práticas pedagógicas que influenciam diretamente a organização do trabalho pedagógico e a composição dos conhecimentos docentes. No entanto, essas ações ainda não geram mudanças significativas no instituído, pois ocorrem de modo isolado, dentro das salas de aula, em uma docência de portas fechadas, longe do

olhar da gestão pedagógica e, muitas vezes, sem ultrapassar os muros da escola para alcançar as normativas.

Este estudo observou que as professoras, frequentemente, tomam decisões que não se alinham às expectativas das diretrizes superiores, pois percebem a necessidade de 'desobedecer' às ordens para melhorar as aprendizagens de seus alunos, evidentemente, preservando os devidos princípios éticos, estéticos e sociais. Dessa maneira, utilizou-se aqui o termo 'atitudes subversivas' para descrever a 'quebra de regras' que essas professoras adotaram ao pleitear e possibilitar melhores condições de ensino e aprendizagem na ambiência da alfabetização.

Com a premissa de que se atrever a criar e a ousar na prática docente decorre do desejo de promover aprendizagens e atribuir sentido ao ato educativo (D'Ambrósio; Lopes, 2015), as atitudes subversivas neste trabalho são concebidas como dispositivos mediadores de atos de currículo emancipacionistas. Esses dispositivos, diga-se, estão intrinsecamente interconectados às perspectivas emancipacionistas de educação, de sorte que tensionam e provocam as complexidades da sala de aula, os processos reflexivos sobre a prática, a autonomia docente, o trabalho colaborativo e a criatividade pedagógica.

Em resumo, uma atitude subversiva é uma ação de re-existência, criativa e resiliente, que se basila por um lugar de pertencimento, sendo, portanto, atravessada pelo pensamento-emoção-ação emergente. Usualmente, a subversão emerge das múltiplas situações cotidianas deflagradas em sala de aula e que não têm respostas pré-estabelecidas, porquanto figuram aqueles desafios que extrapolam a formação docente inicial. São movimentos que exortam das professoras uma mobilização de teorias, de metodologias, de concepções, de sentimentos, de emoções e de saber-fazer, reiteradamente significados e ressignificados.

Em se tratando do contexto investigado, foi constatado que essas ações desafiam as normas

e os saberes predominantes, desestruturando as posições presentes na organização do ensino, da formação e da autoformação das professoras na área da alfabetização. Dentre as questões marcadamente desafiadoras, uma ficou evidenciada na fala da Professora P3, a saber:

Ser uma boa professora alfabetizadora, para mim, é saber relacionar o conhecimento teórico com as nossas experiências de vida, pois eu acredito que tudo está conectado com as vivências que eu tenho no eu dia a dia, com a fé que eu tenho e com minha visão de mundo. Mas, isso não conversa com o modelo de educação que é trazido para a gente aplicar na sala de aula. O que é trazido não conversa comigo, não conversa com meus alunos, não conecta ele com o mundo, não faz a gente pensar. Então, se você se colocar como uma professora obediente a tudo que vem pronto, se você não foge da regra, mesmo correndo o risco de ser interpretada como alguém que não obedece ao seu patrão, você não vai conseguir ser uma boa alfabetizadora. No máximo, eu acredito que você será uma boa mestre que ensina a decodificar um código e, sabemos, alfabetizar é mais que isso. Acho que se eu ensinar os meus alunos a ler uma palavra e ele não conseguir pensar sobre ela, o seu sentido e as implicações na sua vida, no mundo, a minha alfabetização foi um fracasso (Professora 3).

Com base nesse depoimento, é perceptível que as professoras alfabetizadoras não se limitam a seguir uma matriz curricular prescrita e normatizada; elas procuram construir seus próprios caminhos e atos de currículo, alinhados a suas crenças, valores e experiências. Elas entendem que a educação vai além da transmissão de conhecimentos e envolve a formação integral dos estudantes, incentivando reflexões críticas, conexões com o mundo e transformação social. Como pontuado, essas atitudes subversivas são, portanto, essenciais à promoção de uma educação emancipacionista e transformadora.

Observou-se na pesquisa que professoras com mais anos de experiência docente apresentam maior frequência nas atitudes subversivas, demonstram mais coragem nas tomadas de

decisão e maior domínio dos saberes de seu ofício. Além disso, essas alcançam maior êxito nas aprendizagens de seus alunos e possuem maior habilidade para lidar com as adversidades e os desafios que suas turmas apresentam. Importa dizer que essas docentes reconhecem essas atitudes subversivas e, portanto, não as incluem em seus planejamentos nem as discutem nas reuniões de formação.

Por outro lado, tais professoras reconhecem a responsabilidade pedagógica dessas atitudes, posto que entendem a importância de resguardar o alto nível de aprendizagem de seus alunos, conforme afirma a Professora P3:

Se for preciso questionar as bases instituídas e as normativas para garantir o melhor aprendizado para meus alunos, eu questiono e, muitas vezes, vou de encontro à lógica que eles me impõem (Professora 3).

A esse respeito outra professora, a Professora P6, pondera:

Tenho consciência de que minha profissão tem suas normativas e um currículo que preciso seguir. De certo modo, eu estou errando quando a secretaria manda eu fazer uma coisa e eu faço diferente em minha sala de aula. Mas não faço isso com irresponsabilidade. Eu faço porque entendo, com base em toda a minha experiência que não é aquilo que meu aluno precisa para ser alfabetizado e minha obrigação maior é com a aprendizagem do meus alunos. Porque é a vida, o futuro dele que vou prejudicar se ele sair da minha sala de aula sem as competências necessárias. Então, se a sequência X, o método Y ou o assunto A não vai contribuir com a aprendizagem do meu aluno naquele momento, ou eu tento adaptar usando minha criatividade, ou eu vou contra a ordem estabelecida para resguardar o principal que é o aprender do meus alunos (Professora 6).

Essa ponderação da Professora P6 evidencia a importância das atitudes subversivas no contexto educacional. Com sua ampla experiência e profundo conhecimento de seu ofício, a professora compreende que seguir rigidamente as normativas e o currículo imposto pode não ser a melhor estratégia para garantir o sucesso na aprendizagem dos alunos. Ela reconhece

que sua responsabilidade principal é com o aprendizado dos estudantes e não hesita em tomar decisões que vão de encontro à ordem estabelecida, se isso significar proteger o processo de aprendizagem de seus alunos. Assim, a educadora percebe que a adaptação criativa dos métodos e das abordagens ou mesmo a adoção de práticas complementares diferentes podem ser cruciais para alcançar resultados significativos na alfabetização de suas turmas.

Essa reflexão incide sobre a rigidez das normativas e dos currículos impostos, evidenciando a importância de uma abordagem flexível e adaptável que considere as singularidades de cada contexto escolar e de cada aluno. As atitudes subversivas, portanto, representam uma ação política de re-existência e compromisso com a qualidade da educação, garantindo que alunos e professores tenham a oportunidade de desenvolver plenamente suas habilidades e potencialidades. É um convite para estudiosos e educadores repensarem o papel docente como agente de transformação, capaz de romper as estruturas opressivas dos currículos de base colonialista e promover uma educação emancipacionista.

Essas atitudes foram observadas na ambiência da alfabetização de crianças, durante a pesquisa, tanto nas aulas remotas quanto nas presenciais, manifestando-se de maneira criativa, resiliente e re-existente. Elas se baseiam em reflexões profissionais éticas e responsáveis, manifestadas nos seguintes atos: adaptação ou modificação das diretrizes curriculares na prática do planejamento; questionamento e ajustes nos métodos de alfabetização; e ênfase e respeito ao tempo de aprendizado dos alunos, rompendo com a lógica conteudista do currículo.

No contexto dos atos de currículo emancipacionistas, uma atitude subversiva refere-se a ações e posturas que questionam as estruturas opressivas do currículo, de sorte que se proponha a ruptura de uma visão objetiva e performista de professoras aplicadoras de currículos reprodutores de práticas pedagógicas

baseada na obediência, desvinculada do sentipensar e do desejo de ensinar e de aprender perspectivado como prática da liberdade. Ela não necessariamente rompe o estabelecido, mas desafia normas e práticas instituídas por meio de ações criativas e alternativas que reconfiguram a experiência de ensino-aprendizagem. Vale dizer que atitudes subversivas, muitas vezes, decorrem de maneira discreta no cotidiano escolar, sem confronto direto com as diretrizes institucionais.

Atitudes Transgressoras: rompimento de padrões curriculares e estereótipos educacionais

No tocante às atitudes transgressoras, Dewey (2007) distingue dois tipos, quais sejam: atos de rotina, guiados por impulsos, tradições e autoridades; e atos reflexivos que envolvem uma análise crítica e cuidadosa das crenças e das consequências das ações. Essa abordagem valoriza a prática educativa baseada na investigação e na conexão entre intuição, emoção e reflexão, representando um movimento resiliente e ancorado no sentimento de pertencimento. No contexto educacional, esse processo estimula uma prática pedagógica que vai além da aplicação rígida de normas, buscando soluções criativas e adaptativas para os desafios em sala de aula.

No âmbito da pesquisa, o ato reflexivo promove atitudes transgressoras, caracterizadas por uma abordagem criativa e engajada das professoras alfabetizadoras em seu ambiente de trabalho, vez que se fundamentam no conceito de sentipensar. Assim, essas atitudes visam não apenas ao desenvolvimento intelectual e pessoal dos estudantes, mas também à escuta e ao reconhecimento de sentimentos e emoções. Trata-se de uma perspectiva que articula o racional, o intuitivo, o contemplativo e o integrativo, fomentando uma prática pedagógica responsável e reflexiva.

A esse respeito, Schoon (2000) destaca a centralidade da reflexão na ação como uma abordagem eficaz para a solução de problemas educacionais. Essa abordagem exige das docentes uma visão crítica sobre os fenômenos pedagógicos e a construção de novas posturas teóricas, permitindo intervenções práticas adequadas (Galeffi, 2001). Dessa forma, as professoras envolvidas se tornam sujeitos reflexivos, investigadores e engajados a uma contínua autoformação.

Com base nas perspectivas de Dewey (2007) e Schön (2000), as atitudes transgressoras das professoras alfabetizadoras são entendidas como movimentos criativos e resilientes, deflagrados dos incômodos provocados pelas diretrizes curriculares, pelos desafios da alfabetização e pela diversidade do contexto escolar. A reflexão crítica e a adaptação das práticas pedagógicas evidenciam o rompimento de padrões curriculares e de estereótipos educacionais, promovendo uma educação mais inovadora e emancipadora.

Na ambiência da alfabetização de crianças pequenas nas três escolas públicas investigadas, as atitudes transgressoras se revelaram ações fundamentais, mobilizadoras de atos de currículo emancipacionistas, posto que desafiaram as normas estabelecidas e atuaram como gestoras e mediadoras dos conhecimentos formativos, contribuindo para a ressignificação e para a coordenação das políticas curriculares e das práticas pedagógicas das professoras colaboradoras do estudo.

Essas posturas provocativas incitaram as professoras a buscar constantes rupturas, desafiando paradigmas pré-determinados e promovendo uma superação da acomodação profissional. As atitudes transgressoras, portanto, são compreendidas sob uma perspectiva emancipatória, pois mobilizam a autonomia profissional e incentivam posturas resilientes frente às crenças, aos saberes e às prescrições curriculares engessadas que orquestram a mediação do processo de alfabetização.

Na visão de Freire (2002), a consciência da condição de seres inconclusos leva os sujeitos a refletirem criticamente sobre os conhecimentos eleitos formativos e sobre as próprias práticas. Esse processo de conscientização provoca movimentos de atitudes transgressoras, exigindo criatividade, pertencimento e resiliência das professoras que assumem posturas de 'sujeitos curriculantes'.

Para assumir atitudes transgressoras, as educadoras implementam uma abordagem de ação-reflexão-ação-reflexiva, que demanda uma percepção clara sobre sua autonomia e o papel político do fazer docente. Na prática, em um espaço de re-existência, essas atitudes se manifestam em ações pautadas em uma experimentação criativa, resiliente e participativa. Tais posturas são evidenciadas nos redirecionamentos curriculares e na reorganização do trabalho pedagógico, refletindo uma resistência à cultura performista neoliberal e à aplicação de currículos preestabelecidos. As professoras adaptam suas práticas alinhadas às suas perspectivas e aos seus valores, atuando de maneira responsável e responsiva.

Mostra-se relevante pontuar que os atos de currículo emancipacionistas são mobilizados em um ambiente onde as professoras demonstram clareza sobre a complexidade da educação e a consciência de que as soluções para os conflitos didáticos e pedagógicos decorrem de atitudes transgressoras, de análises multirreferenciais e de decisões autônomas, criativas e resilientes. Esse entendimento é evidenciado nas palavras da Professora P2 e P4 que destaca:

Quando o assunto é problema na educação, é muito comum a gente ouvir que o problema está na base, no processo de alfabetização, e eu concordo. Se os alunos têm uma boa alfabetização e consolida as habilidades e competência desse eixo, elas têm uma vida escolar muito mais saudável. Mas não tem como dar um boa base sem nós, professores alfabetizadores, compreendemos as complexidades que envolve o processo de alfabetização; sem a gente compreender e solucionar os conflitos que vivenciamos diariamente com a prática, o currículo robusto desse

eixo e tantas outras questões que rodeiam a gente todos os dias. (Professora 2)

Então, se você, enquanto professora, não entende teu papel e vem para a escola aceitar coisas que vem de cima para baixo sem questionar, você vai apenas viver angustiada com um milhão de fórmulas e métodos e não vai dar conta da aprendizagem do seu aluno. E esperar que essa autonomia venha junto com esse milhões de fórmulas mágicas que promete muito e não faz nada é uma ilusão. Aprendi que autonomia se conquista [...]. É esse entendimento que me leva a ser a professora que sou e gosto de ser. (Professora 4)

Este estudo reitera a transgressão como qualidade fundamental às práticas profissionais das professoras alfabetizadoras, que a exercem política e eticamente comprometida, figurando mais que meras competências profissionais. Transgredir, nesse contexto, constitui-se em ato educativo necessário, fundamentado em uma construção reflexiva, mais baseado na compreensão e na colaboração, e menos na imposição. Isso se verifica na assunção docente de atitudes de enfrentamento a valores sociais e políticos pedagogicamente não contributivos, assim como de atitudes de sustentação de outros princípios, evidenciando a capacidade dessas professoras de representarem papéis críticos e transformadores.

Como Freire (2002, p. 41) descreve, essas educadoras “[...]assumem-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criativo [...]. Assumem-se como sujeito capaz de reconhecer-se como objeto”. Elas se posicionam como sujeitos curriculantes, comprometidas com a transformação educacional e reconhecendo a importância do aprendizado vivenciado com entusiasmo. Em *Ensinando a Transgredir*, hooks (2017) argumenta que esse entusiasmo, muitas vezes, visto como um potencial perturbador da seriedade educacional, pode ser, na verdade, libertador e essencial para um processo de aprendizado efetivo.

Dessarte, pode-se concluir que as atitudes transgressoras ultrapassam os limites do aceitável dentro de um sistema educacional,

promovendo rupturas mais evidentes de políticas curriculares e de práticas normativas. Elas desafiam a própria estrutura de poder e questionam diretamente as imposições institucionais, reivindicando mudanças mais profundas no modelo educacional vigente. Tais atitudes incentivam as educadoras a questionar, refletir e agir de maneira crítica e responsável em relação ao currículo prescrito.

Esse movimento tensiona uma educação mais aberta, participativa e engajada, que traz benefícios tanto para as professoras quanto para os alunos. Os estudantes experimentam uma aprendizagem mais contextualizada e relevante, alinhada com suas realidades e necessidades. Dessa forma, as atitudes transgressoras desempenham um papel fundamental à construção de uma educação justa, equitativa e transformadora.

Considerações Finais

A pesquisa demonstrou que os atos de currículo emancipacionistas desempenham um papel central na formação docente, configurando-se como práticas que ampliam a autonomia das professoras alfabetizadoras e potencializam processos de autoformação. Essas ações evidenciam a construção de significados a partir do sentipensar, reafirmando o protagonismo das educadoras na mediação do conhecimento e na organização do trabalho pedagógico.

Ao desafiar modelos educacionais exaustivos e normativos, os currículos emancipacionistas favorecem abordagens mais contextualizadas e criativas, fortalecendo o acesso das crianças à cultura do escrito por meio de decisões didáticas flexíveis e alinhadas às realidades escolares. Assim, a pesquisa reafirma a necessidade de reconhecer e valorizar essas práticas como parte de uma educação crítica, transformadora e socialmente referenciada.

As atitudes subversivas e transgressoras não são excludentes, elas formam espectro distintos e complementares no campo da re-existência pedagógica, porquanto a subversão

opera na adaptação e na ressignificação de práticas impostas e a transgressão confronta diretamente os limites normativos do currículo. Em ambos os casos, os atos de currículo emancipacionistas surgem como resultado de reflexões críticas das professoras alfabetizadoras, que, ao reinterpretarem suas experiências, articulam novos modos de ensinar e de aprender.

Isso posto, as estruturas institucionais passam a ser reconfiguradas ao favorecer uma *práxis* educativa articulada no sentipensar e na autonomia docente. Assim, a interação entre atitudes subversivas e transgressoras amplia as possibilidades de resistência, permitindo que as professoras ajustem suas práticas ao contexto escolar e aos desafios enfrentados no cotidiano pedagógico.

No entanto, a ausência de suporte institucional e de uma adequada formação docente continuada constituem-se obstáculos significativos à implementação efetiva das práticas emancipacionistas. Com base nisso, infere-se que, muitas vezes, as ações inovadoras desenvolvidas pelas professoras permanecem restritas às salas de aula, sem repercussão nos documentos formativos ou nos currículos oficiais de alfabetização, lacunas que precisam ser superadas em vista da impulsão dos avanços necessários na área educacional.

Para tanto, considerando as céleres e intensas mudanças que vêm ocorrendo na cena educacional, erige-se essencial aprofundar questões ainda em aberto e fomentar novas investigações, e é por isso que algumas reflexões se fazem fundamentais, quais sejam: quais estratégias institucionais e políticas podem ser desenvolvidas para fortalecer e ampliar as práticas pedagógicas emancipacionistas? Como as atitudes transgressoras e subversivas adotadas pelas professoras podem efetivamente influenciar o desenvolvimento escolar, social e emocional dos estudantes? Quais mecanismos de colaboração e de diálogo podem de fato facilitar a incorporação de práticas inovadoras nas instituições educacionais?

A interpretação dos atos de currículo emancipacionistas como experiências formativas significativas exige a consideração de três princípios fundamentais: o político, o poético e o ético-estético. No âmbito político, as professoras assumiram a responsabilidade de problematizar questões ético-estéticas e desafiar padrões normativos estabelecidos, promovendo deslocamentos que romperam concepções prescritivas de ensino. Esse processo envolve a transdução dos saberes formativos, ampliando as possibilidades da alfabetização das crianças e da formação contínua das professoras, para além de uma abordagem estritamente técnica.

Ao tensionar estruturas cristalizadas, uma dinâmica disruptiva gera desequilíbrios e deslocamentos, reafirmando a necessidade de formação continuada como um movimento constante de construção e de transformação do conhecimento. Assim, os atos de currículo emancipacionistas, expressos tanto em atitudes subversivas quanto transgressoras, fundamentam-se na dimensão transdutiva das vivências das professoras alfabetizadoras. Esses atos promovem uma abertura de sentido ao integrar o sentipensar à prática pedagógica, possibilitando experiências educacionais singulares e multirreferenciais. Nesta pesquisa, as experiências analisadas se manifestaram em múltiplas formas de aprendizagem integrada aos saberes docentes, evidenciando a importância da flexibilidade e da adaptação como elementos centrais na formação e na prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. Políticas educacionais, igualdade e diferenças. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 1, p. 83-94, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19969>. Acesso em: 30 maio 2024.
- BARBOSA, J. G. A formação em profundidade do educado pesquisador. In: BARBOSA, J. G. (org.). **Reflexões em torno da abordagem, multirreferencial**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

- CARMO, M. C. S. Atos de Currículo como mediação das políticas de sentido da didática. In: Macedo, R. S. et al. (Orgs.). **Saberes implicados, saberes que formam: a diferença em perspectiva**. (pp. 315 – 325), Salvador: EDUFBA, 2014.
- DEWEY, J. **Cómo pensamos: la relación entre pensamiento reflexivo y proceso educativo**. Barcelona: Paidós, 2007.
- FRANCO, S. M. **Atos de currículo emancipacionistas mobilizados por professoras na ambiência da alfabetização de crianças em escolas públicas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, 2023.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio: língua portuguesa**. 3 Curitiba: Editora Positivo, 2018.
- FERREIRO, E. **O Ingresso na Escrita e nas Culturas do Escrito: seleção de textos de pesquisa**. Trad. Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, 2013.
- FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Trad. Maria Luiza Silveira. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GADOTTI, M. Educação de jovens e adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (Org.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 12 ed. (pp. 35-47), São Paulo: Cortez, 2011.
- GALEFFI, D. A. **O Ser-Sendo da Filosofia**. Uma compreensão poemática pedagógica para o fazer-aprender Filosofia. Salvador: Editora EDUFBA, 2001.
- GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodologia**. New Jersey: Prentice Hall, 1976.
- hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- MACEDO, R. S. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MACEDO, R. S. Atos de currículos: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares. **Currículo sem Fronteiras**. V. 13, n. 3, p. 427-435, 2013.
- MACEDO, R. S. **A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária**. Experiências transsingulares com o método em ciência da educação. 1. Ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2020.
- MCLAREN, P. Fúria e Esperança: A Pedagogia Revolucionária de Peter McLaren - Entrevista com Peter McLaren. **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.2, pp. 171-188, Jul/Dez, 2001.
- MORTATTI, M. R. L. **Educação e letramento**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- MELO, D. S.; SANTOS, T. Q. G. Atos de currículo integradores: análise da experiência do circuito formativo em cursos técnicos integrados. In: **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. ENDIPE, 2018.
- PAIM, A. V. F. A re-existência enquanto ato de currículo no contexto da formação de professores. In: MACEDO, R. S. et al. **Currículo e processos formativos: experiências, saberes e culturas**, p. 61-75, Salvador: EDUFBA, 2012.
- SAVIANI, D. Marxismo, educação e pedagogia. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (Org.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. N.47, p. 59- 85, Campinas, SP: Autores Associados, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640060>. Acesso em: 22 março de 2024.
- SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In. NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. p. 23-47, Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- TORRE, S. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2018.
- ZEN, G. C.; D'ÁVILA, C. As relações entre formação, ensino e aprendizagem no contexto de práticas alfabetizadoras. **Laplage em Revista**, v. 4, n. especial, p. 122-134, 2018. Disponível em: <https://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/590>. Acesso em: 18 de março de 2024.
- ZEN, G. C.; MOLINARI, C. Educação e Alfabetização: contribuições da abordagem psicogenética para a pesquisa. **Plurais-Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 3, 9-17, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/10150>. Acesso em: 12 de março de 2024.

Recebido em: 05/09/2024

Aprovado em: 08/03/2025



Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.